

FILOSOFIA NO 2º GRAU: UMA INOVAÇÃO QUE TOMEI AOS ANTIGOS

Regis de MORAIS*

Desde que, ainda nos anos 70, principiou a luta pela volta da Filosofia para o 2º grau, engajei-me nela — ainda que já não tivesse qualquer atividade no ensino secundário desde 1971. Engajei-me, no entanto, tendo desde o início uma preocupação concreta: temia que, corridos os anos, transformada em muita coisa a história das nossas vidas cotidianas, modificados os nossos valores, voltássemos àqueles programas tediosos que só objetivavam a transmissão de cultura filosófica, num arremedo de erudição. Arremedo sim, pois, o que presenciei muito no passado foi uma quantidade de professores atenazando a vida e as cabeças dos secundaristas com roteiros de estudos filosóficos nos quais nem eles próprios acreditavam mais. Uma coisa mumificada, que não bulia nem com o sangue e nem com os entusiasmos dos estudantes; coisa que, algumas vezes, podiam facilmente esquecer sem maiores prejuízos; resto de hábito cristalizado, que facilitava e automatizava o trabalho docente, ainda que ao peso de grande sacrifício discente.

Este era o meu temor. E pensei: neste primeiro momento, é preciso que lutemos pela volta da Filosofia ao 2º grau. Depois discutiremos em que termos ela deve voltar. Ocorreu que ninguém discutiu nada quanto ao segundo momento e, imediatamente, os editores injetaram no mercado uma quantidade de livros de Filosofia para o 2º grau dotados de roteiros de matéria até piores do que os anteriores — salvo uma ou outra exceção. Piores por virem com o mesmo espírito de erudição e com quase nenhum avanço sobre um passado que foi improffcuo, e mais, acrescidos de novos assuntos que — ao meu ver — não têm que povoar as mentes dos secundaristas: filosofia das ciências formais (lógica e matemática), filosofia das ciências empíricas (ciências físicas e biológicas), preocupações filosófico-lingüísticas mal bebidas nas fontes, por exemplo, do neopositivismo lógico.

Vendo tudo isto, estremei. Eu não pensava em que se abolisse a preocupação com a transmissão de cultura filosófica, mas admitia e

(*) Doutor e Livre Docente em Filosofia da Educação (UNICAMP), Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP e professor licenciado da PUCAMP.

admito que, no caso de adolescentes em seu primeiro contato com a Filosofia, a erudição não devesse ter prioridade. Estremeci por constatar que, por sabe-se lá mais quanto tempo, as escolas seguiriam “vacinando” gerações contra o gosto da Filosofia como recurso de pensamento voltado para o viver. Procurei reagir, fazer algo. E é isto que ora busco explicar.

1. CONSIDERAÇÕES CONTEXTUAIS

Eu fazia minha graduação em Filosofia quando, ao lado de meus colegas, participei daquelas vergonhosas discussões convocadas pelo Ministro da Educação Suplicy de Lacerda para avaliação dos Acordos entre o MEC (Ministério de Educação e Cultura) e a USAID (United States Agency for International Development). Na verdade estava tudo resolvido, mas nós, estudantes, não imaginávamos um tal grau de cinismo e nos pusemos generosamente a “trocar” idéias publicamente. Foi uma excelente ocasião para perder-se tempo e esforço (de nossa parte) e uma não menos boa oportunidade de descobrir os “mais subversivos” (da parte do governo ditatorial).

Depois disso, uma vez licenciado, entrei para o magistério secundário do Estado de São Paulo e passei a testemunha interna e ocular da degeneração programada da escola pública. Houvera sido aluno da escola pública nos idos de 1956 e, por isto mesmo, vejo claro que o que hoje aí se tem é não mais que a múmia de um corpo que um dia foi vivo. Evidentemente não me estou referindo ao professorado, conquanto muitos, por haverem sido vítimas da própria degenerescência da educação dos últimos 25 anos, não logrem ter bom nível para o trabalho que precisam fazer. Mas mesmo assim, não é no professorado que penso quando falo de uma múmia que lembra um corpo outrora vivo. Penso, isto sim, na burocracia estatal incompetente que fez das escolas um campo de experimentos excêntricos (digo assim para manter a elegância), e na burocracia pequena, do interior das próprias escolas, que aceitou ser à imagem e semelhança da estultície maior. Sua passividade não é ingênua, é cúmplice.

Considere-se, contudo, que foram — também entre as escolas particulares — pouquíssimas as que mantiveram sua dignidade. Embora beneficiadas pelo período de arbítrio, degeneraram noutro sentido: tornaram-se pré-cursinhos dos cursinhos para vestibular. Quero dizer: colocando a tônica de sua eficácia no índice de aprovação em exames vestibulares às universidades, acabaram também como sobreviventes da sua própria falta de ideais educacionais. Uma espécie de indigência elegante.

No apagar das luzes do governo João Figueiredo, a Unesco denunciou que era, o Brasil, um país gigantesco que só investia mais da educação do que o Haiti. Éramos os penúltimos do mundo em investimento educacional.

É, portanto, num contexto assim difícil — para professores e alunos — que se dá o retorno da Filosofia para o 2º grau. Impérios televisivos haviam aproveitado o período obscurantista recente para invadir vidas, dali procurando extirpar seus valores mais caros e, através de uma indigestão de imagem e sonho, promover a substituição do pensar. Imagens são muito mais rapidamente digeríveis. Mas, como após a digestão vem a questão mais importante da metabolização (o verdadeiro aproveitamento para a saúde do organismo), o que assistimos foi um terrível esvaziamento da vida interior, sobretudo da gente jovem. De outro lado, o **capitalismo acumulativo** fora vencido pelo **capitalismo de especulação**, e sabe-se que o acumulativo é dos males o menor, pois que ao menos dá prêmios à produtividade, e não aos investimentos estéreis com os quais se faz dinheiro com dinheiro, papel com papel (sem qualquer acréscimo efetivo de bens reais para a sociedade). Disto derivou séria crise de valores, grande desencanto para a juventude. Afinal, saber para quê? Produzir para quê? O êxito material não residia mais na produtividade, e as virtudes sociais se haviam transformado em pulhérias.

Recordo-me de que quando procurei dois editores para a publicação de meu livro **Filosofia do cotidiano**, no qual veiculava uma proposta nova para a Filosofia no 2º grau, estes não se sensibilizaram com minha inovação. Ao contrário: embora eu já tivesse 13 livros publicados, tiveram medo de algo assim tão aberto, tão distinto, tão longe do ramerrão habitual dos livros de Filosofia. Um deles chegou a dizer-me que temia o conservadorismo de professores e diretores. Até hoje não ficou claro para mim quem era mais conservador que o outro. Bem, mas como eu não vivia de produzir livros para o 2º grau, uma vez incompreendido, guardei comigo a proposta que elaborei com tanto carinho. Assim, é sobre ela que hoje fui convidado, pela revista **Reflexão**, a falar.

O que desejo deixar claro é que compreendo as dificuldades contextuais para a transformação que pretendi. Enxergo com discernimento o quanto o obscurantismo do período ditatorial e a expansão desordenada do impacto da televisão se impregnaram nas instituições, aplastrando a escola, desorganizando a família e complicando as cabeças. Todavia, mesmo assim e — melhor! — por isso mesmo é que se faz necessário mudar. Em que direção? Mudar por mudar já cansou. Karl Popper faz uma brincadeira irônica com uma célebre frase de Marx ("Os filósofos já pensaram demais sobre a realidade. Agora cumpre transformá-la"), parodiando: já se transformou demais a realidade. Agora é preciso pensá-la. Mudanças agora só bem fundamentadas e estreitamente as necessárias. Pois vejamos em que direção tenho proposto mudar o trabalho com Filosofia no 2º grau.

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Para se chegar à consecução de determinados objetivos, sempre há um caminho através do qual (método) é necessário seguir. Ora, quando

buscamos discernir os objetivos do ensino da Filosofia no 2º grau, não devemos cair no engano da seguinte disjuntiva: "ou ministramos cultura filosófica ou estimulamos o aluno a pensar sobre as questões que lhe são mais vitais". Creio ser possível que façamos ambas as coisas, sendo apenas necessário que estabeleçamos algum tipo de prioridade entre elas. De minha parte, admito que o adolescente, antes de tudo, deve ser desafiado a pensar. Via de regra, a cultura é muito impositiva enquanto forma de vida desenvolvida por um povo (com leis, costumes, artes, credos, etc.), e grande parte das famílias também o é. Sobretudo da 4ª à 8ª séries, o ensino de 1º grau é de corte muito cartesiano, dotado de um sentido de ordenamento e interligação que diferencia imensamente a escola da própria vida com suas imponderabilidades. A tudo isto se soma o fato de que, por tempo considerável, o adolescente é uma espécie de "taxi" no qual viajam as idéias e valores da família, da igreja, etc. Eis porque me parece que a tarefa da Filosofia no 2º grau será, prioritariamente, a de estimular o aluno a escrever e falar sobre as questões centrais da sua forma de se perceber e de perceber o seu mundo de forma um pouco mais aprofundada.

Mas, ao fazermos a Filosofia no 2º grau mais antropológica e problematizante, de forma a que questione aquilo que cotidianamente inquieta, devemos demonstrar aos alunos que outros homens, em outras épocas e em tempos diversos, também tiveram preocupações e se questionaram. Aí residiria a oportunidade de introduzirmos, de forma bem motivada, conteúdos da chamada cultura filosófica. O importante é que a cultura filosófica não se transforme em uma razão para calar professores e alunos a respeito das suas inquietações atualmente mais vivas e cotidianas.

Esta ordem de prioridades que estou propondo tem a ver diretamente com a própria gênese e o desenvolvimento da Filosofia. Ao que se sabe, a ordem do desenvolvimento do fazer filosófico terá sido a seguinte:

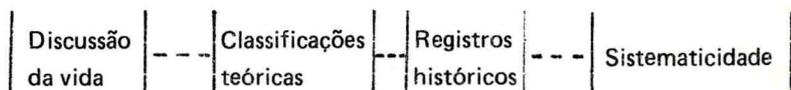
1º. discussão do cotidiano vital, realizada, por exemplo, pelos gregos na antigüidade. Sabe-se que este povo se reunia em praças públicas para refletir sobre a vida e dela tirar lições e rumos;

2º. de tais discussões foram resultando, muito naturalmente, classificações teóricas que se foram agrupando em áreas de reflexão específicas (cosmologia, ética, lógica, etc.).

3º. Destes movimentos de classificações teóricas foi sendo construída uma história da Filosofia, graças à elaboração de **registros históricos** que passaram a significar a biografia do pensamento.

4º. Isto tudo sistematizado, deu a Filosofia como área particular do saber.

Isto posto mais em forma de gráfico, daria:



Tudo teria começado, portanto, com a mais franca discussão do cotidiano vital. Ocorre que a tendência tradicional docente tem sido a de inverter o processo natural, começando tudo pelo fim e, muitas vezes, nem chegando às discussões mais candentes da vida em dimensão reflexiva. Pode-se-ia questionar: mas onde está escrito ou garantido que o processo de aprendizagem atual deva repetir os movimentos do processo de criação da Filosofia? Uma ordem utilizada não tem que necessariamente perder a eficiência por não repetir as coisas tais quais foram no passado. Ora, para explicar porque devemos utilizar a ordem do desenvolvimento natural da Filosofia, precisamos atentar para questões de ordem psicológica.

3. CONSIDERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Antes de mais nada digamos que, para que um ato de comunicação seja efetivo, é necessário que conheçamos o **interlocutor**. Não podemos passar a vida dirigindo-nos a um **aluno imaginário** que diversas situações sociais construíram na nossa cabeça. É absolutamente indispensável que nos questionemos quanto a "que aluno concreto eu tenho comigo?", a fim de que, vendo o seu rosto e sentindo concretamente sua forma de presença, saibamos como dirigirmo-nos a ele. Isto faz lembrar a psicologia das comunicações do Professor Lasswell, da Universidade de Michigan (USA). Lasswell celebrou a seguinte fórmula, que ficou com o seu nome ("fórmula de Lasswell"):

a) Quem? (quem sou eu no momento da comunicação? Qual meu papel social?)

b) Diz o quê? (qual é a mensagem e seu intuito?)

c) **A quem?** (minha forma de comunicar depende do conhecimento do meu interlocutor, pois não se fala a todos da mesma forma).

d) Através de que meio? (método de trânsito entre consciências).

e) Com que finalidade? (Para evitar distorções, dispêndios desnecessários de energia, fracassos e até mesmo sofrimentos, a finalidade da comunicação precisa ser cuidadosamente evidenciada).

Considerando tudo isto, a primeira coisa que não podemos esquecer é de que nos dirigimos a uma específica faixa etária. Trabalhamos

com adolescentes, os quais muitas vezes se mostram conflitivos e infelizes exatamente porque pomo-nos a exigir destes que sejam, de um momento para outro, adultos precoces cheios de uma capacidade abstrativa e teórica que freqüentemente nem os próprios adultos têm, se tomados geralmente. Como o adolescente está revendo seu mundo através de dados muito fortes como a plenificação da sua sexualidade e a expansão de sua capacidade de interpretação do viver, ele tem uma vida interior naturalmente egótica (não pejorativamente egoísta), amplamente voltada para as suas ansiedades e as grandes interrogações do seu tempo de desabrochamento. Desta forma, como haveremos de ignorar suas inquietações mais candentes e impor-lhe um discurso esnobe que sequer tangencia o seu mundo mais imediato?

O conflito de gerações, há uns 30 anos visto como casuístico e configurado por traumas e incompreensões, hoje o vislumbramos como resultante de fatores sociais mais amplos e comunicacionais mais específicos. Ocorre que, os que tiveram sua juventude pelos anos 50 ou 60, experienciaram um ambiente humano dividido entre **coisas e idéias**. Mas depois, pendurou-se um mini-fone em cada orelha, ligou-se o aparelho de TV e... adeus vida interior reflexiva. A invasão da imagem é uma "reificação" muito contundente: as **coisas** ganham primado sobre as **idéias**.

Dirigir-nos-emos, portanto, a estudantes de uma faixa etária que: a) não está se especializando em Filosofia ou em qualquer dos ramos deste saber; b) só está interessada em cultura filosófica na medida em que esta penetre suas motivações mais vitais. De tal modo que, nós até podemos fazer de conta que estamos perante um auditório de filósofos em potencial, mas isto raramente será uma posição sincera e verdadeira.

Daí a razão pela qual proponho que, no 2º grau, trabalhemos com os alunos questões mais antropológicas e vinculadas às inquietações típicas da sua idade. O livro que escrevi e os editores tiveram medo de editar apresentava a seguinte estruturação temática:

Parte I: VIDA E FILOSOFIA.

- Temas: 1. A filosofia é inútil?
 2. O mistério de viver.
 3. O pensamento: um fruto na árvore da vida.
 4. Só a vocação constrói uma pessoa.

Parte II: PROBLEMAS E MISTÉRIOS

- Temas: 1. O problema da dignidade da pessoa.
 2. A dimensão do outro.
 3. O problema das relações humanas.
 4. O mistério do amor.
 5. Corpo e sexualidade.
 6. O problema da liberdade em nosso tempo.

7. Preconceitos: o encanto da serpente.
8. O sentido da participação política.
9. O problema da violência em nosso mundo.
10. O problema do espaço vital humano.
11. O divertimento: valor e problema.
12. Exercícios e esportes: sentido humano.

Parte III: A ACEITAÇÃO DA VIDA

- Temas: 1. Desencantos e encantos do nosso tempo.
 2. A aceitação de si mesmo.
 3. "A obra prima de um homem é a sua vida".
 4. Nem só o indivíduo, nem só a coletividade.

São pequenos textos, de 3 a 4 páginas, para serem lidos e motivarem discussões. E nestas discussões, surgiriam as oportunidades para o uso de livros de consulta bem como de consulta ao próprio professor, para que aí fosse veiculada, na medida do possível, uma cultura filosófica básica.

Digo no Prefácio deste meu livro inédito: "Penso que desde os meus anos jovens guardei secretamente esta dívida para com os iniciantes em Filosofia: buscar toda a simplicidade e escrever um pequeno livro que fomenta a reflexão interessada em discutir as questões do dia-a-dia".

Dois dos pequenos textos que compõem meu referido livro serão dados a público em seguida destas páginas. Ver-se-á que são despreziosos, mas atentos àquilo que pode mexer nas molas do pensamento adolescente, desafiando o aluno a questionar a vida, na linha socrática de que "Uma vida que não é examinada não merece ser vivida".

CONCLUINDO

Nunca acreditei que minha proposta estivesse necessariamente correta. Nem que fosse perfeita. Acreditei sempre - isto sim! - que enquanto não me for provado o contrário, por alguém ou pela experiência direta da vida, devo lutar por meu ponto de vista. Os Prometeus que descem do céu trazendo o fogo para os mortais ficaram lá nas velhas páginas de mitologia grega; eis porque não peço para mim nenhum mérito que não seja o de acreditar numa idéia e colocá-la na defesa de mentes que, ainda tão jovens, podem ser envelhecidas por concepções didático metodológicas pelo menos discutíveis.

Minha proposta eu a fiz pensando no adolescente que fui e nos filhos adolescentes que tive em minha casa. Oxalá eu me tenha percebido e os tenha percebido bem.

1º TEXTO:

A FILOSOFIA É INÚTIL?

Será, a filosofia, coisa de quem vive nas nuvens? Será coisa de "desligados"? Os italianos dizem que "a filosofia é uma ciência com a qual ou sem a qual o mundo continua tal e qual". E um conferencista brasileiro, com ironia ainda mais agressiva, comentou: "Eu penso na filosofia como se este fosse um homem, num quarto escuro, procurando um chapéu preto que não está dentro do quarto". Isto é: a filosofia é uma loucura elegante, algo completamente sem utilidade. Mas... por que tanto interesse em se falar mal de uma coisa supostamente insignificante? O que está por trás dessas ironias?

Consta que certa vez houve, na praça pública de Atenas, um célebre debate sobre a importância ou desimportância da filosofia. Amigos deste tipo de saber e adversários seus, reunidos publicamente, realizaram como que um julgamento da *ré* filosofia. Muitos sábios estavam presentes ao debate; dentre estes, o grande Aristóteles. Pois bem, todos os adversários da filosofia discursaram tentando demonstrar sua inutilidade; de outro lado, todos os amigos da filosofia argumentaram como podiam para conseguir provar a importância desta. Ao final, conta o cronista antigo, Aristóteles levantou-se para falar. Fez-se um enorme silêncio na praça, pois respeitava-se muito aquele sábio. Também porque talvez se esperasse dele um longo e inflamado discurso. Mas Aristóteles fez um raciocínio extremamente simples que deixou a todos perplexos. Ponderou o pensador:

"Ouvi com máxima atenção a todos. E tiro do que disseram duas alternativas muito simples: ou nós devemos filosofar ou nós não devemos filosofar. Pois bem, se devemos, vamos filosofar. Se porém não devemos filosofar, isto só em nome de uma filosofia". Como seria inevitável, o debate acabou af. Afinal, até para não filosofar era preciso dar razões e fundamentar, o que é prática filosófica.

Vamos, devagar, aproximar-nos do que está por trás das críticas que fazem à filosofia. Na verdade, a sociedade industrialista e de consumo tem medo da filosofia. Aliás, todos os movimentos de massificação social têm medo da filosofia, pois, aquele que se aproxima do estudo filosófico, de uma forma ou de outra desenvolve o seu *senso crítico*. Ora, no nosso mundo, em que a tônica dos meios de comunicação e de muitos governos é **fazer a cabeça**, quem pensa incomoda, quem sabe criticar idéias e situações não se deixa levar, não se deixa manipular.

Esta é a razão pela qual todas as ditaduras do mundo, quando se instalam no poder, saem a campo para caçar, prender e exilar os filósofos; eles são caçados e depois cassados. Eis também a razão pela qual os meios de comunicação ou fazem uma caricatura do filósofo ou se calam ostensivamente a seu respeito. Sempre foi muito bem para a filosofia ser marginalizada pelos ditadores políticos e pelos tiranos da economia, pois, só assim ela quase nunca se assentou nos banquetes dos poderosos (como tão freqüentemente têm feito as ciências), e pôde fortalecer sua *têmpera* nos calabouços da sociedade.

Ninguém pode ficar indiferente ante a filosofia. Afinal, se nascemos seres pensantes é natural que procuremos pensar. Marginalizar a filosofia é uma forma de valorizá-la; Amar a filosofia é outra e mais positiva maneira de valorizá-la. Vai-se sempre amar ou odiar a filosofia — nunca dará para ficar-se indiferente. No dia em que o ser pensante desistir de pensar, tudo estará acabado e o mundo se encherá de figuras idiotizadas passando pela vida como quem passa por um delírio. Uma coisa é

certa: nós nascemos para **levar** a vida, não para sermos levados por ela feito folha seca que cai num riacho e perde o governo de si mesma.

Acontece que, quando a mentalidade consumista nos invade e nos domina, ela o faz de um modo tão esperto que, embora presos e escravizados, sentimo-nos muito sabidos e ousados. Esta mentalidade injeta um tão estranho veneno nas pessoas que estas passam a detestar a única coisa que as distingue dos irracionais: o desejo de buscar o sentido da sua vida. Ora, filosofar é não abrir mão de procurar o sentido da vida individual, da vida social e da cultura. Poder-se-ia dizer que **a filosofia é a procura da face verdadeira do homem**. E isto não pode ser buscado nas nuvens e nem entre os anjos. É fixando o olhar e a inteligência nas alegrias e sofrimentos dos seres humanos, observando e refletindo sobre os fatos e sentimentos do homem, que se constrói um edifício filosófico. Antigamente pensava-se que havia, lá em cima, um céu de idéias de onde desciam luzes sobre a vida; hoje sabe-se muito bem que as idéias nascem do calor do viver ao rés do chão, entre pessoas, objetos, casas, cenários.

Por outro lado, se a filosofia busca a verdadeira face do homem, ela não pode fugir dos conflitos que marcam a vida humana. Já se disse que "o conflito é a morada da vida", portanto, não cabe ao fazer filosófico qualquer tipo de alienação. Quando os filósofos e literatos (como um Dostoiévski, um Sartre ou um Graciliano Ramos) questionam o sentido da vida, fazem-no para que os homens cheguem a conduzir suas existências e não sejam levados pelos empurrões do viver. Fazem-no para que as pessoas realmente **participem** do viver, não apenas o tolerem.

Acusam o projeto filosófico de ser muito pretensioso. E nisto têm razão, pois a filosofia não pode querer pouco. Sua pretensão não é a de ter **status**, **riqueza** ou de patrocinar **exibicionismos**. Aquele que pensa não quer é ser manipulado por fama, riqueza ou exibicionismo. Aquele ser pensante que não abdicou de pensar deseja é viver com sentido e por um projeto válido de vida. Desde uma modesta filosofia de vida até um sofisticado sistema filosófico, o que se pretende é buscar o sentido de tudo e evitar o embotamento humano.

Ao que tudo indica, a filosofia nada tem de inútil!

*

2º TEXTO:

O MISTÉRIO DO AMOR

Refletimos um pouco sobre o amor. Não sobre o amor tomado em seu sentido múltiplo de amor paterno, amor filial ou amor caridoso pelo semelhante. O que vai nos interessar nesta reflexão será mesmo o amor que liga um homem a uma mulher, aquele que no passado era chamado docemente de amor idílico. E o que nos faz concentrar nossa atenção sobre este tema é exatamente o fato de que, em nosso tipo de sociedade, se está brincando cada vez mais com algo da seriedade do amor. O amor não é um sentimento qualquer; não é um sentimento como outros tantos que o ser humano tem, mas sim a experiência mais total, preciosa e forte que o homem pode viver.

Uma coisa é certa; se alguém perguntar a quem está amando, **por que** ama aquela pessoa à qual dedica seu sentimento, e o que está amando souber explicar

por quê, este pode ter certeza de que está vivendo uma ilusão — não está amando. Não se ama alguém por razões lógicas, por ser moreno ou claro, alto ou baixo, atlético ou franzino, por ser uma mulher de olhos verdes ou castanhos; Simplesmente e de uma forma espantosa, olha-se para uma pessoa e se tem certeza de que se vai precisar da companhia dela. Ninguém olha para uma paisagem comovente e diz: “Ali está uma árvore, e depois mais cinco, mais cem e, portanto, isto é um bosque que me fascina”. Olha-se e, sob a global impressão da profundidade e da majestade da paisagem, percebe-se de forma total e instantânea: “Eis um bosque. E como ele me encanta!” Como já foi dito, olha-se para uma pessoa e a sua presença mexe com a mente, com o coração e com a sexualidade de quem a olhou.

Já dizia o filósofo Pascal que “o coração tem razões que a própria razão desconhece”; No amor pode até entrar um pouco de **razão**, mas entrará muito de uma energia misteriosa que vem de regiões do nosso eu que nós mesmos não conhecemos. Esta a razão pela qual, quando se começa a amar, experimenta-se uma certa sensação de terror, como se forças desconhecidas e que escapam ao nosso controle nos ameaçassem. Há perfeita razão para esse medo, pois, se o amor encontra condições favoráveis de enriquecimento, ele se cumpre de uma forma boa e que garantidamente conduz à auto-realização; mas, se ele encontra obstáculos e condições agressivas, pode encapelar-se em paixão doentia, levar a desesperos que apresentam até o risco de conduzirem à auto-destruição.

O amor é um rico encontro humano cuja duração não deve ser discutida. Isto é dito no sentido de que o efêmero tem direito à existência; não podemos fugir ao fato cotidiano de que as coisas passageiras existem. E sejamos um pouco mais realistas reconhecendo que um amor autêntico também pode se esgotar, também pode se acabar. O sentimento rico que se traz para uma união, é posto sob o teste do convívio cotidiano e, aquelas pessoas que não puderam aprender a respeitar a plenitude do ser humano, podem provocar a implosão da substância do amor. Já se disse que o amor, pensado numa relação **eu-tu**, não está só no **eu** nem só no **tu**; está em maior parte no **entre**; está na arte que duas pessoas precisam conquistar de um relacionamento feito de compreensão e generosidade. Dizíamos acima: as coisas efêmeras também têm direito à existência. Agora acrescentamos; entretanto, o efêmero não deve ser um ideal, porque o gosto pelo fato de as coisas não durarem, desrespeita o ritmo natural da vida tanto quanto uma certa obsessão pelas coisas definitivas. Ao que tudo indica, o ideal deve ser o da permanência e da solidez de uma relação. Tudo dependerá da convivência.

Se uma ligação amorosa precisar ser efêmera, que seja. Mas que o seja como consequência de problemas reais e insuperáveis no relacionamento. Não se trata de, **antes de mais nada**, fugir a compromissos, a laços mais estreitos, puramente em nome de uma moda que faz as pessoas aceitarem a condição de **produtos descartáveis**, reduzindo-se a uma espécie de mercadoria dentro da vida. Nem os idealistas, que pensam que todo amor é eterno, nem aqueles que acham que nada deve ser permanente — nenhum desses respeita o ritmo natural que a vida tem. Afinal, a vivência dessa coisa misteriosa que é o amor, é feita de duas faces; uma mágica e a outra prática. O sentimento do amor é aquela razão que a própria razão ignora, mas ele precisará ser vivido sob o peso dos problemas cotidianos. E há algo muito curioso: o amor se estanca, morre, mas não se degrada. Quando entre um homem e uma mulher predomina uma relação do tipo **eu-coisa**, o amor já se estancou, não existe mais. E aquelas pessoas que não sabem compreender as faquezas dos outros, estão sob constante ameaça da relação **eu-coisa**.

Muito já se disse que é preciso saber aceitar as pessoas tal como elas são. Mas é preciso estar-se atento para que **aceitar alguém como é** não significa tornar-se cúmplice dos seus vícios e fraquezas. Trata-se de compreender as razões que a fazem

ser como é (autoritária, molóide, neurótica, etc.), nunca porém deixando de convidá-la a examinar a possibilidade de corrigir seus defeitos. Isto exige muito equilíbrio, pois pode-se cair no oposto de pensar que uma pessoa só é boa e está certa quando o seu pensar e o seu agir batem 100% com o nosso.

Dizem que certa princesa se apaixonou por dois homens ao mesmo tempo. Um era pastor de ovelhas, que vivia ao ar livre, nadando nos riachos, subindo e descendo montes, tendo por isto um porte atlético. O outro era um estudioso que, de tanto ficar vergado sobre os livros à luz de velas, ficara magro, meio amarelo e um pouco corcunda. No primeiro, a princesa amava a beleza física e, o segundo, seu rico mundo interior. Estava muito triste a princesa quando alguém lhe disse que, se conseguisse levar ambos ao templo de Shiva, quando eles estivessem rezando poderia cortar suas cabeças e trocá-las de corpos. Era este um milagre prometido por Shiva.

Pois a princesa, com toda a habilidade feminina, levou-os a rezar no templo. Lá, sob a proteção de Shiva, trocou suas cabeças após havê-las arrancado. Tudo deu certo no primeiro momento. Mas aí começou a acontecer algo que a apaixonada não podia ter suspeitado: o corpo do intelectual, agora com a cabeça do pastor de ovelhas, passou a viver com a natureza, a comer frutos das árvores e nadar nos rios. Depois de algum tempo, estava atlético e bonito. Já o corpo do pastor, agora com a cabeça do intelectual, foi ficando fino e encurvado de tanto ler e estudar, e... tudo ficou como antes.

Esta fábula mostra maravilhosamente como está profundamente errado querermos mudar alguém para depois amá-lo. É preciso amá-lo antes de tudo e, na convivência desse amor, tentar ajudá-lo a superar suas fragilidades. Por esta razão é que se diz que, numa relação de amor, cada um tem que ceder um pouco para que ninguém seja obrigado a ceder tudo.

Das camadas mais profundas da nossa personalidade, do nosso mistério mais íntimo, vêm-nos as energias que fazem o amor. E o amor é sentimento total, que despreza os preconceituosos que gostam de dizer que o verdadeiro ato de amar não inclui sexo. O amor se ri desse menosprezo hipócrita que alguns destinam à sexualidade e ao corpo em geral. Disse o filósofo brasileiro Tristão de Athayde: "Os minerais são assexuados. Na vida vegetal começamos a encontrar sinais dessa diferenciação (sexual) ainda vaga e não-visível. Só nos animais superiores é que ela se manifesta, à medida que a vida alcança o plano da *hominização*". Então está na hora de, em nome do amor, em nome do que há de mais elevado na vida do homem, por-se fim ao preconceito contra o sexo e sua força de atração.

O amor humano é um sentimento singular e maravilhoso, que acontece entre homens, não entre anjos. O que é preciso é uma enorme vigilância para não se confundir liberação amoroso-sexual com aceitação vulgar da condição de produto descartável. O amor transcende a todo entendimento racional, transcendendo portanto tudo que dissemos. É o sentimento mais alto do ser humano e, como disse o poeta, deve ser "infinito enquanto dure".